

# Os tempos estão difíceis, tudo está de ponta-cabeça

*Die Zeiten sind schwer, alles ist auf den Kopf gestellt*

**Luis Krausz**

Universidade de São Paulo (USP)  
São Paulo | SP | BR  
lkrausz@usp.br  
<https://orcid.org/0000-0002-1753-9470>

**Resumo:** Este artigo discute as narrativas criadas por Veza Canetti no contexto da grave crise social, econômica, política e moral que atingiu a Áustria no período entreguerras. A destruição do Império Austro-Húngaro teve como uma de suas consequências um período de intensos conflitos políticos na Áustria, no qual o Partido Social-Democrata e as forças conservadoras travaram um embate. Empenhada no projeto reformista da social-democracia austríaca, que se opunha diametralmente ao protofascismo do Partido Cristão-Social, Veza Canetti foi uma autora militante que praticou uma literatura engajada na luta pela libertação dos oprimidos e no feminismo. Sua trajetória pessoal foi profundamente marcada pela prolongada crise austríaca, e sua vinculação à agenda da social-democracia deve ser compreendida a partir de sua tripla condição de exclusão da sociedade vienense como um todo: mulher numa sociedade patriarcal; judia numa sociedade antissemita; sefardi num mundo judaico dominado pelo judaísmo asquenazi.

**Palavras-chave:** literatura sefardi; Veza Canetti; Viena; crise; entreguerras.

**Abstract:** This article discusses the narratives created by Veza Canetti in the context of the serious social, economic, political and moral crisis that hit Austria in the interbellum period. The destruction of the Austro-Hungarian Empire had as one of its consequences a period of intense political conflicts in Austria, in which the Social Democratic Party and conservative forces fought each other. Committed to the reformist project of the Austrian social democracy, which was diametrically opposed to the proto-fascism of the Christian-Social Party, Veza Canetti was a militant author who practiced



a literature engaged in the struggle for the liberation of the oppressed and in feminism. Her personal trajectory was profoundly marked by the prolonged Austrian crisis, and her connection to the social democracy agenda must be understood on the basis of her triple condition of exclusion from Viennese society as a whole: woman in a patriarchal society; Jew in an anti-Semitic society; Sephardic in a Jewish world dominated by Ashkenazi Judaism.

**Keywords:** sephardic literature; Veza Canetti; Vienna; crisis; interbellum period.

## A crise política

A crise é o tema que perpassa a obra literária vienense de Veza Canetti (1897-1961), em toda sua extensão. Uma crise que nem tem uma só face, nem tem uma duração definida. Trata-se, antes, de uma situação que se estende, de uma crise de crises, composta de várias crises concomitantes, de camadas sucessivas de crises, que se desenrolam na esfera da política austríaca, na questão a cada tanto mais urgente do antisemitismo austríaco, e no âmbito das expectativas e grandes ansiedades relativas ao futuro austríaco – e austro-judaico – no contexto centro-europeu dos instáveis e assustadores anos de 1930.

A primeira destas crises, evidentemente, diz respeito à passagem do século XIX para o século XX, um processo que, ao menos quando se fala da Europa de língua alemã, começa a desencadear-se com o início da I Guerra Mundial, que levaria ao desaparecimento simultâneo dos impérios alemão e austro-húngaro. Eric Hobsbawm, em seu célebre estudo intitulado *The Age of Extremes: The Short Twentieth Century, 1914-1991* desenvolve a tese de que o século 20 tem início apenas com a eclosão da I Guerra Mundial. Se isto é verdade quando se trata da história geral do Ocidente e da Rússia, é ainda mais verdade quando se pensa no Império Austro-Húngaro onde, não obstante as crises que o sacudiram em diferentes momentos do século XIX, todo um modelo de Estado baseado na conciliação entre o absolutismo dinástico, vinculado ao catolicismo romano, e as demandas oitocentistas de um Estado constitucional, se manteve de pé até o final da I Guerra Mundial. O delicado equilíbrio entre dois modelos de Estado, um fundamentado numa tradição que remonta à Idade Média, outro inspirado pelos ideais do liberalismo e pelos valores da era burguesa, assim como a enorme complexidade do quadro étnico, religioso, cultural e nacional deste Império, manteve-se até a eclosão da I Guerra e permaneceu, mesmo depois dela, como parâmetro e referência fundamental não só para os austríacos, mas para todos os povos da Europa Central.

O cataclisma que demoliu até a raiz as instituições do império Habsburgo – este império que, aos olhos ingênuos de seus súditos, e sobretudo de seus súditos judeus, parecia destinado à eternidade – transformou a capital do que fora a maior potência territorial europeia antes da I Guerra Mundial numa espécie de hidrocéfalo: Viena, antes um centro de poder de onde se governavam mais de 70 milhões de súditos de várias etnias, culturas, idiomas e reli-

giões, tornou-se uma cabeça sem corpo: uma majestosa metrópole, com mais de um milhão de habitantes, sobre um país diminuto, arruinado em todos os sentidos, cuja população mal chegava aos sete milhões.

A ruína territorial da velha Áustria significou, evidentemente, também sua ruína institucional: a antiga ordem, arraigada na milenar história de uma monarquia feudal cristã, ainda que temperada, durante a era do liberalismo (1848-1918), pela tentativa da aristocracia de tecer acordos com a burguesia industrial e financeira em ascensão no século XIX, e por várias reformas sociais, estilhou-se. A política de compromissos entre as diferentes classes sociais, etnias, religiões e nacionalidades que havia sido levada a cabo, tão bem quanto possível, durante o longo reinado do *Kaiser* Franz Joseph, ruiu de uma só vez depois do assassinato do sucessor do trono em Sarajevo, em 1914 e com ela desabou, também, o Império multissecular e todo seu quadro institucional. Já não era mais possível reagrupar de forma lógica os cacos que resultaram deste cataclisma: a Áustria tornou-se, ao final da I Guerra Mundial, um monte de escombros.

A crise econômica e a crise institucional refletiram-se, evidentemente, na profunda crise política que marcou os anos da I República austríaca (1918-1938), a *Zwischenkriegszeit* (período entreguerras). Em linhas gerais, pode-se dizer que o cenário político era determinado por um movimento pendular, que oscilava entre a nostalgia pelo passado perdido, cultivada pelo projeto corporativista e protofascista do Partido Cristão-Social, que propunha uma estrutura social fixa em torno dos diferentes estatutos, numa espécie de revisão moderna das antigas hierarquias cristãs e feudais, e o projeto redentor e messiânico da social-democracia, um socialismo reformista, com um modelo de estado voltado para o futuro, que tinha em vista a defesa dos direitos do operariado e a melhoria de suas condições de vida, fundamentado numa compreensão marxista de sociedade e no pressuposto do laicismo e do secularismo. É sobretudo o embate entre as forças políticas do conservadorismo cristão e do socialismo laico que desenha os contornos da história política da I República Austríaca.

O antigo pacto social austríaco tinha como fulcro o conceito de súdito, ou *Untertan*, termo de origem medieval, que se fundamenta na obrigatoriedade supostamente natural de integração numa estrutura hierárquica inexorável, em cujo topo se encontrava o monarca, e que, supostamente, imperava em nome de Deus. Ainda que a rigidez desta estrutura social tenha sido consideravelmente atenuada durante a era do liberalismo pós-1848, com a efetiva implantação de um parlamento que tinha voz nas decisões políticas, suas formas e sua essência se mantiveram, em grande parte, até a agonia final do império, em 1918.

A situação do proletariado foi, por assim dizer, a questão central da crise social que atravessou a *Zwischenkriegszeit* na Áustria e a origem desta crise está na ruína econômica desencadeada pelo desmantelamento do Império tanto quanto na ruptura do antigo pacto social que, em plena era de liberalismo econômico, fundamentava-se, ainda, numa ética cristã feudal, e propunha a resignação a uma estrutura social de castas, entendida não como ordem arbitrária, mas como reflexo de uma ordem cósmica, e portanto divina, que assegurava a cada um uma posição determinada e, sobretudo, fixa num quadro social que era implicitamente compreendido como o reflexo de uma ordem transcendente. Esta ética social constituiu, por assim dizer, o fundamento do projeto político do *Ständestaat*, o corporativismo austro-fascista do Partido Cristão-Social, uma derivação, com face moderna, das antigas ordens feudais, cuja base eram as elites tradicionais, o empresariado e o campesinato católico. Quanto aos assalariados urbanos e profissionais liberais, vinculados à cultura

burguesa ou pequeno-burguesa, sua filiação era, majoritariamente, social-democrata. A social-democracia defendia os valores do progresso, o individualismo, a independência com relação às tradições e aos dogmas clericais, a ação do homem como o livre construtor do seu próprio destino, a organização da sociedade em torno de um sistema de valores em cujo centro se encontrava a noção de justiça secular.

Tendo em vista que a era do liberalismo austríaco (1848-1918) esteve bem longe das práticas republicanas de molde francês ou norte-americano, determinadas pelos valores liberais e burgueses e de raízes antiaristocráticas, quando teve início a república, não existia, na Áustria, um corpo de cidadãos habituados à vida numa sociedade democrática. Estes 20 anos de democracia incipiente foram, portanto, marcados por graves turbulências, geradas tanto pela ruína econômica do país quanto pela desorientação do corpo social ante as novas circunstâncias políticas e as incertezas – e sobretudo as dúvidas – relativas ao futuro da Áustria. Isto porque, sob o governo de Franz Joseph, a burguesia austríaca efetivamente nunca foi capaz de criar um repertório cultural próprio, uma superestrutura específica: se a burguesia mercantil, industrial e financeira ascendeu e passou a ocupar, sob o reino de Franz Joseph, posições de marcada importância na vida econômica, essa sua ascensão não foi acompanhada da criação de um repertório ético e estético próprio: a maior ambição da burguesia austríaca foi, desde sempre, ser aceita pela aristocracia e assimilar-se à aristocracia.

Assim, a democracia da I República foi, por um lado, um período de hesitações e de dúvidas para uma sociedade profundamente traumatizada pela derrocada do Império e sem uma verdadeira tradição democrática, e por outro lado, um período marcado pela violência e por turbulências.

Um dos momentos de culminação destas turbulências foi a revolta de Viena, a 15 de julho de 1927, quando um grande número de amotinados – 200.000 segundo estimativas da época – tomaram de assalto o I. Distrito de Viena e atearam fogo ao Palácio de Justiça.

O episódio foi desencadeado pela absolvição de dois policiais que, em janeiro do mesmo ano, no Estado de Burgenland, haviam assassinado dois homens inocentes. O resultado dos protestos violentos contra esta decisão foi o massacre de 89 pessoas pela polícia. Elias Canetti assim descreve o que testemunhou em Viena a 15 de julho de 1927:

No Burgenland dois operários tinham sido mortos. A Justiça absolveu seus assassinos. Esta absolvição foi descrita como um ‘veredito justo’ no órgão de imprensa do governo. Foi este desprezo por qualquer sentimento de justiça mais do que o veredito em si mesmo que desencadeou uma enorme revolta entre os operários vienenses. Vindos de todos os distritos de Viena, eles se dirigiram, em grandes blocos fechados, ao Palácio de Justiça que, já por seu simples nome, encarnava a injustiça a seus olhos. O Palácio de Justiça foi incendiado. A polícia recebeu ordens de atirar. Foram mortas noventa pessoas. Já se passaram 46 anos desde então, e a revolta daquele dia ainda permanece registrada nos meus ossos. Eu me tornei parte daquela massa, me dissolvi inteiramente nela, não senti a menor resistência ante aquilo que estava sendo feito (Canetti *apud* Durzak, p. 148, tradução própria).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Im Burgenland war geschossen, Arbeiter waren getötet worden. Das Gericht hatte die Mörder freigesprochen. Dieser Freispruch wurde im Organ der Regierung als ‚gerechtes Urteil‘ bezeichnet, nein ausposaunt. Es war dieser Hohn auf jedes Gefühl von Gerechtigkeit noch mehr als der Freispruch selbst, was eine ungeheure Erregung in der Wiener Arbeiterschaft auslöste. Aus allen Bezirken Wiens zogen die Arbeiter in geschlossenen Zügen vor den Justizpalast, der durch seinen blossen Namen das Unrecht für sie verkörperte. Der Justizpalast brannte. Die Polizei erhielt Schiessbefehl, es gab neunzig Tote. Es sind 46 Jahre her, und die Erregung dieses Tages liegt mir

O massacre do Palácio de Justiça tornou-se um marco na história da Viena da *Zwischenkriegszeit*, que foi governada pelo partido social-democrata de 1918 até 1934, período que é denominado *Rotes Wien* ou Viena Vermelha, ao longo do qual este partido pôs em marcha uma política consistente no sentido de amparar a população das classes sociais mais pobres e menos educadas, beneficiando-a com moradia, assistência médica e social etc.

Seja como for, o episódio em questão constelou o fantasma da guerra civil, que assombraria a Áustria até o triunfo do austro-fascismo e, posteriormente, a anexação ao Reich. A ele somou-se, poucos anos depois, a crise mundial de 1929, um período de acirramento das dificuldades econômicas e de desnorreamento para todos os austríacos – independentemente de suas filiações políticas – que evidentemente contribuiu de maneira significativa para prolongar e agravar as crises, assim como para intensificar as tensões entre a direita e a esquerda no âmbito político.

Outro aspecto importante da intensa polarização política que marcou a *Zwischenkriegszeit* austríaca diz respeito à situação geográfica da Áustria, sobre a fronteira instável que separa e sempre separou a Europa do Leste do Ocidente: o conflito entre direita e esquerda durante a I República refletia, também, o temor ante as ameaças expansionistas do stalinismo e do bolchevismo sobre este país de cultura ocidental encravado no Leste europeu.

Assim, se o estado corporativista proposto pelo Partido Cristão-Social se justificava por meio de uma ideologia católica e conservadora, antiliberal e antimarxista, a social-democracia era vista por seus opositores como potencial ameaça à independência e à autonomia austríacas, e indiretamente vinculada às ambições expansionistas e revolucionárias soviéticas.

Neste sentido, é sobretudo contra o conformismo do proletariado que se voltam os discursos da social-democracia: eles visam despertar uma consciência de classe que tem como pressuposto a culpabilização do capitalismo, criticado à luz de uma teoria de justiça social de ética marxista, por um lado, e a revolta ante as estruturas sociais herdadas do Império por outro, assim como no sentido de denunciar as graves injustiças sociais que eram parte da vida quotidiana austríaca em tempos de crise econômica.

Como capital administrativa e principal centro industrial da Áustria, Viena, com uma população que representava mais do que 15% da população da nova república, encontrava-se no epicentro dos confrontos políticos entre o Partido Social-Democrata e o Partido Cristão-Social. Era em Viena que se concentrava a maior parcela do proletariado industrial da Áustria, e era lá, portanto, que se concentrava a mobilização social-democrata em nome de uma sociedade mais justa.

## A crise judaica em meio à crise entreguerras

Os judeus formavam um grupo que foi particularmente atingido pelas perplexidades políticas e sociais da *Zwischenkriegszeit* austríaca. Os judeus de Viena formavam, antes de 1938, a segunda maior comunidade judaica de toda a Europa, numericamente superada apenas pela de Varsóvia. No início do século XX, os judeus representavam mais de 12% da população total

---

heute noch in den Knochen. Ich wurde zu einem Teil der Masse, ich ging vollkommen in ihr auf, ich spürte nicht den leisesten Widerstand gegen das, was sie unternahm. (Canetti, Elias *apud* Durzak, Manfred. *Die Welt ist nicht mehr so darzustellen wie in früheren Romanen* – Gespräch mit Elias Canetti, p. 148).

da cidade. Sob o governo do *Kaiser* Franz Joseph, que permaneceu no trono de 1848 a 1916, os judeus gradativamente conquistaram plenos direitos de cidadania e, a partir daí, passaram, ao menos em parte, a ascender socialmente, algumas vezes de maneira espetacular. Ao final do século XIX, estavam desproporcionalmente representados entre os médicos, advogados, acadêmicos, mas sobretudo entre os escritores e artistas vienenses. A este respeito, Stefan Zweig afirma, numa passagem já tantas vezes citada de *Die Welt von gestern* (O mundo que eu vi): “Nove décimos daquilo que o mundo celebrava como cultura vienense do fim do século XIX era uma cultura patrocinada, nutrida e mesmo feita pelos judeus de Viena.” (Zweig, 1961, p. 36, tradução própria).<sup>2</sup> E entre os judeus vienenses, e austríacos de um modo geral, tornara-se um consenso de que, enquanto judeus, constituíam um grupo religioso, mas não um grupo nacional com ambições messiânicas voltadas para a criação de um estado próprio. A este respeito, Adolf Jellinek, líder espiritual dos judeus de Viena sob o reinado de Franz Joseph, declarou:

Os judeus da Áustria são, em primeiro e em último lugar, austríacos, eles desejam uma Áustria grande, forte e poderosa... Eles sabem e lembram com infinita gratidão o que o Imperador da Áustria lhes concedeu... De pai para filho, e em todas as casas de oração judaicas, proclama-se em voz alta que Franz Joseph I transformou seus súditos judeus em verdadeiros seres humanos e em cidadãos livres (Jellinek *apud* Wistrich, 2006, p. 164, tradução própria).

Segundo o historiador judeu vienense Hans Tietze,

por volta de 1890, dos 681 advogados de Viena, 394 eram judeus, e de 360 candidatos a advogados, 310 eram judeus. Também entre os médicos, a maior parte são judeus [...]. Na Universidade de Viena, no ano letivo de 1899/90, 22% dos alunos da Faculdade de Direito; 48% dos alunos da Faculdade de Medicina e 15% dos alunos da Faculdade de Filosofia são judeus (Tietze, 1987, p. 232, tradução própria).

A comunidade judaica vienense, sob Franz Joseph tanto quanto sob a I República, era tudo menos homogênea e unitária. Havia judeus provenientes de todas as regiões do Império, uns mais tradicionalistas e religiosos, provindos das antigas terras da coroa dos Habsburgos na Polônia, na Hungria e na Ucrânia, outros laicos, dissociados de seu legado cultural tradicional e inteiramente integrados à cultura austro-alemã, com seus valores estéticos, éticos e filosóficos; havia judeus riquíssimos, inclusive alguns que se tornaram portadores de títulos de nobreza sob o Império, tanto quanto um proletariado judaico destituído, que vivia em condições miseráveis, sobretudo no II distrito de Viena, a Leopoldstadt. Havia judeus aculturados e assimilados e judeus marginais; banqueiros e mendigos; eruditos e trabalhadores braçais; juízes e criminosos.

Com o desmembramento do Império, grande parte dos judeus austríacos perderam o direito à nacionalidade austríaca porque, em 1918, quando foi assinado o armistício e oficializada a dissolução do Império, eles residiam em localidades que já não mais pertenciam à Áustria, e sim a países surgidos dos escombros da I Guerra Mundial, como a Polônia, a Tchecoslováquia, a Iugoslávia e a Hungria.

<sup>2</sup> Neun Zehntel von dem, was die Welt als Wiener Kultur des neunzehnten Jahrhunderts feierte, war eine vom Wiener Judentum geförderte, genährte, oder sogar schon selbstgeschaffene Kultur (Zweig, 1961, p. 36).

Para os judeus de Viena, a era pós-Habsburgo foi marcada por dúvidas dilacerantes com relação a seu pertencimento. Nas décadas de 1920 e 1930, o crescente antissemitismo, desde sempre no centro da pauta política do Partido Cristão-Social, mas igualmente presente, de forma tácita, entre muitos dos representantes da social-democracia, passou a colocar em xeque o pertencimento dos judeus à nova Áustria republicana.

Na atmosfera volátil da *Zwischenkriegszeit*, as dúvidas com relação à própria identidade afligiram os judeus da Europa de língua alemã, em sua grande maioria vinculados aos projetos da social-democracia, de maneira particularmente dolorosa: tratava-se de uma população que, em sua maioria, havia rompido os laços com as crenças e com as tradições judaicas, filiando-se de corpo e alma, por assim dizer, a um projeto social que tinha em vista uma espécie de redenção que visava não o destino particular dos judeus, mas o de todos os oprimidos e perseguidos. Os judeus, além disto, frequentemente viam-se dilacerados entre o orgulho e a vergonha por sua origem, em contextos de tentativa de assimilação à cultura majoritária e, ao mesmo tempo, de antissemitismo crescente e cada vez mais agressivo.

Grande parte dos judeus austríacos passou a militar nas fileiras do partido social-democrata, cuja agenda universalista e inclusiva funcionava como contraponto ao racismo e ao antissemitismo escancarado do Partido Cristão-Social, pois o projeto de Estado da social-democracia não era, ao contrário do que propunha o Partido Cristão-Social, um projeto racista e sim um projeto fundado nos conceitos-chave do humanismo oitocentista.

## Veza Canetti, a socialdemocracia e os sefardis de Viena

Veza Canetti (1897-1963), nascida Veneziana Taubner-Calderón, era uma judia vienense que ocupava um lugar muito singular na sociedade judaica local. A família de seu pai, falecido ainda em sua infância, era de origem húngara, mas a de sua mãe, Rachel Calderón, era de origem sefardi, isto é, descendente dos judeus que foram expulsos da Espanha no fim do século XV, que se radicaram em todo o arco mediterrâneo, mantendo, tenazmente, ao longo dos séculos, a língua espanhola, ou *ladino*, como fundamento de uma identidade judaica distinta da dos demais judeus europeus.

Nas últimas décadas do século XIX, a capital dos Habsburgos havia se tornado um importante centro cultural e intelectual para os judeus sefardis, sobretudo provenientes da Croácia e da Bósnia-Herzegovina, que eram então parte do Império. Na Universidade de Viena havia uma associação de estudantes sefardis, a ‘Esperanza’ e em Viena eram publicados periódicos sefardis, em língua ladina, como “El mundo sefardi”, “Carmi” e “El correo de Viena”. Os judeus sefardis de Viena formavam uma pequena minoria judaica, que se mantinha relativamente apartada da comunidade judaica mais ampla, que tinha costumes e hábitos religiosos peculiares e uma identidade profundamente marcada pela memória ancestral espanhola. Seus assuntos comunitários eram administrados por instituições próprias, das quais a mais emblemática era a grande sinagoga sefardi da Zirkusgasse, na Leopoldstadt, construída em estilo mourisco, remanescente da Andaluzia medieval, no final do século XIX, momento de auge da presença sefardi em Viena. O avô materno de Veza Canetti, aliás, foi um dos grandes patrocinadores desta construção (Patz-Sievers, 2018, p. 58).

Segundo Christina Kaul, os judeus sefardis estavam radicados em Viena desde o século XVIII quando, graças a acordos com o sultão otomano, receberam determinados pri-

vilégios do Imperador. Sua presença e suas relações internacionais eram consideradas de fundamental importância para o comércio com o Oriente. Os membros dessa comunidade, assim, mantiveram, ao longo dos séculos, a cidadania turca, permanecendo estrangeiros à sociedade judaica e à sociedade vienense como um todo. Por este motivo, desfrutavam de uma grande mobilidade, e de laços comerciais e familiares com diversas localidades às margens do Mediterrâneo, graças aos quais eram capazes de obter vantagens nos negócios e no comércio internacional.

A identidade judaica e espanhola, distinta da dos judeus de origem centro e leste-europeia e falantes de ídiche, era também marcada por um sentimento de superioridade em relação aos demais judeus: eles se consideravam superiores aos judeus asquenazitas, vistos como culturalmente retrógrados e economicamente frágeis, e constituíam, aos seus próprios olhos, uma espécie de aristocracia judaica.

Ao longo de toda sua vida, Veza sempre reafirmou sua identidade sefardi: sua língua doméstica, na casa de sua mãe tanto quanto, posteriormente, em sua vida conjugal com Elias Canetti, sempre foi o ladino. Elias Canetti escreve, a este respeito, em seu livro de memórias *Die Fackel im Ohr*: “O jeito estrangeiro de Veza era percebido em toda a parte, ela chamava a atenção onde quer que estivesse. Uma andaluza, que nunca tinha estado em Sevilha, mas que falava de lá como se ali tivesse passado sua infância” (Canetti, 1980, p. 142, tradução própria).<sup>3</sup>

Os vínculos de Veza com a Espanha dos seus ancestrais também são reiterados por Elias Canetti no prefácio à primeira edição de *Die gelbe Strasse*, livro de Veza Canetti que contém textos publicados em forma de folhetim pela *Arbeiter Zeitung* vienense nos anos 1920 e 1930: “Somente quanto se tratava de assuntos hispânicos, pelos quais ela tinha uma espécie de fraco constitucional, ela se deixava levar, expressando tonalidades sentimentais que, em outros contextos, ela nunca teria se permitido” (Canetti, 1990, p. 7, tradução própria).<sup>4</sup>

Nas décadas de 1920 e 1930, ante a gravidade da crise econômica, a maior parte dos judeus sefarditas vienenses, que sempre haviam mantido um certo grau de distanciamento tanto quanto em relação aos demais judeus – muitos dos quais, desde o final do século XIX, se empenhavam firmemente no sentido de uma assimilação total e uma absorção pela cultura e pela sociedade majoritárias – quanto em relação à Áustria propriamente dita, emigrou. Uma comunidade que contava, em seus anos de apogeu, com mais de 1.000 famílias viu-se reduzida e umas poucas dezenas de membros em meados dos anos 1930.

Veza percorreu uma trajetória pouco usual entre os membros da sociedade sefardita: numa época em que ainda parecia plausível acreditar que tal gesto significaria que, aos olhos dos não judeus, que ela teria deixado de ser judia, solicitou, em 1930, seu desligamento da comunidade judaica (Patz-Sievers, p. 66). É preciso compreender que, por trás deste gesto, está uma visão do judaísmo que, nas décadas de 1920 e 1930, já se tornara inteiramente anacrônica na Europa, qual seja, aquela ideia que Adolf Jellinek defendera com tanta eloquência e com tanta verve apenas três décadas antes (vide acima), de que o judaísmo seria, apenas, um determinado tipo de filiação *religiosa*, sem qualquer tipo de implicação étnica, nacional ou racial, e que os judeus eram, inteiramente e sem qualquer dúvida, cidadãos austríacos.

<sup>3</sup> Vezas Fremdartigkeit wurde überall empfunden, sie fiel auf, wo immer sie sich befand. Eine Andalusierin, die nie in Sevilla gewesen war, aber davon sprach, als wäre sie dort aufgewachsen.

<sup>4</sup> Nur wenn es um spanische Gegenstände ging, für die sie eine Art von konstitutioneller Schwäche hatte, liess sie sich ungescheut gehen und trug Gefühlsfarben auf, die sie sich sonst nie erlaubt hätte.

Esta ideia, cuja origem se encontra no processo de emancipação dos judeus da Europa ao longo do século XIX, rapidamente deu lugar, a partir da passagem para o século XX, a uma outra concepção independente de qualquer gesto da vontade ou do livre-arbítrio: a de que o judaísmo seria algo genético, isto é, uma visão essencialista que se baseia no conceito de *raça* judaica, cujas características inatas supostamente a tornariam naturalmente perniciosa à sociedade.

Este tipo de renúncia oficial ao judaísmo era bastante comum entre judeus vienenses aculturados,<sup>5</sup> críticos dos valores burgueses tanto quanto das tradições e crenças religiosas, e identificados com os diferentes tipos de movimentos revolucionários das primeiras décadas do século XX e, ao mesmo tempo, críticos com relação à comunidade judaica, ou a determinados membros proeminentes desta comunidade. No entanto, se os judeus que se desligavam oficialmente da comunidade judaica deixavam, a seus próprios olhos, de serem judeus, continuavam a ser vistos como judeus pelos outros, e em especial pelos antisemitas.

Se os casos de renúncia oficial ao judaísmo se multiplicavam na Viena da passagem do século XIX para o século XX, Hans Tietze vê neste fenômeno, também, uma manifestação de certo auto ódio judaico:

A tendência à autocrítica foi implantada nos judeus por meio de seu destino na história mundial. Ainda que, em Viena, esta tendência frequentemente tenha se intensificado de maneira crassa, chegando às raias do auto ódio – e também, mais frequentemente, tenha sido atenuada e mascarada – isto se deve à tranquilidade e à fecundidade que a vida ali proporcionou aos judeus (Tietze, p. 267, tradução própria).<sup>6</sup>

Seja como for, a filiação de Veza à agenda universalista da social-democracia austríaca, voltada para as questões sociais que diziam respeito a todos, e não interessada em particularismos, nem os judaicos, e nem os de qualquer outro tipo, certamente se encontra por trás de seu gesto de renúncia à condição judaica. Desde os seus primórdios no final do século XIX a social-democracia austríaca contou com uma parcela importante de apoiadores judeus: “Os judeus se destacaram em sua atuação no funcionalismo do Partido Social-Democrata, que se engajou na revolução e conduziu a transição para a república democrática”<sup>7</sup> (Tietze, 1980, p. 277, tradução própria).

Ainda que tenha retornado oficialmente ao judaísmo em 1934, Veza o fez, ao que tudo indica, exclusivamente para poder casar-se com Elías Canetti na sinagoga sefardi de Viena, da qual seu avô tinha sido um dos fundadores. Tudo leva a crer que este retorno oficial era bem mais importante para os membros de sua família e da família de seu marido do que para ela mesma.

<sup>5</sup> Karl Kraus, por exemplo, renunciou à comunidade judaica já em 1899 – e Veza era uma seguidora apaixonada de Kraus. Kraus invectivava, em *Die Fackel*, contra os judeus, e em inúmeras ocasiões distanciou-se publicamente de tudo o que tivesse qualquer tipo de relação com o judaísmo. Ao mesmo tempo, os judeus e o judaísmo eram um assunto sempre presente em *Die Fackel*.

<sup>6</sup> Den Juden war die Neigung zur Selbstkritik durch ihr welthistorisches Schicksal eingepflanzt; wenn sie sich in Wien oft in krasser Weise – und öfter gemildert und verschleiert – zu Selbsthass verdichtet, so liegt dies an der Auflockerung und Befruchtung, die das Leben hier den Juden gewährte.

<sup>7</sup> Juden betätigten sich hervorragend unter den Funktionären der sozialdemokratischen Partei, die die Revolution auffingen und in die demokratische Republik überleiteten.

Em sua atividade literária, na *Arbeiter Zeitung*, o *Jornal dos trabalhadores*, um dos melhores e mais importantes órgãos da imprensa austríaca entre a I Guerra Mundial e 1934, o judaísmo de Veza Canetti sempre foi cuidadosamente mascarado. Nos retratos que ela faz de seus personagens não importa se eles são ou não judeus. O que importa são suas características humanas e o lugar que ocupam numa sociedade dividida entre opressores e oprimidos. Ainda que na sociedade vienense dos anos 1930 o crescimento exponencial do antissemitismo tornasse a questão judaica cada vez mais urgente e incontornável, Veza jamais aborda este fenômeno social, ainda que esteja sempre atenta para as aberrações de cunho econômico e político que faziam parte da normalidade em seu tempo. Assim como tantos judeus da *Aufklärung*, que acreditavam no triunfo de uma ética universal sobre todo tipo de tribalismo, e que acreditavam que tudo o que dizia respeito aos judeus nos discursos antissemitas não dizia respeito a eles mesmos, e que continuavam a confiar no triunfo dos valores humanistas implícitos no conceito de *Bildung* e nas ideias socialistas de justiça, Veza entendia a si mesma como parte de uma suposta civilização europeia moderna, e engajou-se na luta pela modernização e melhoria da sociedade na qual vivia. Sua indiferença com relação à questão judaica chegou a ponto de leva-la a criar, em seus contos, personagens judeus que correspondem, em tudo, aos estereótipos antissemitas em voga em seu tempo.

Em *Der Sieger*, por exemplo, um dos contos publicados pela *Arbeiter Zeitung* e posteriormente reunidos no volume *Geduld bringt Rosen*, Herr Topf é um judeu que negocia com moedas estrangeiras, a respeito de quem a narradora afirma que *er jüdelte*, isto é, que ele falava como judeu. Esta maneira de referir-se a um linguajar judaico, um alemão impregnado pelos modos e pela sintaxe do ídiche, era derogatória e frequentemente utilizada como insulto contra os judeus. Em seguida, a autora reproduz o sotaque dos judeus falantes de ídiche, cujo alemão distante da norma culta era profundamente desprezado em Viena.<sup>8</sup>

Como Veza Canetti afirmou, numa carta escrita a Rudolf Hartung em 1950:

Eu mesma sou socialista e escrevia para a *Arbeiter Zeitung* em Viena sob três pseudônimos, pois o amabilíssimo Dr. [Otto] König, que voltou a seu posto, deixou claro, de maneira mordaz, que ‘face ao antissemitismo latente não se pode publicar tantas histórias e tantos romances de uma judia, e os seus, infelizmente, são os melhores’ (Canetti, 1990, p. 178, tradução própria).<sup>9</sup>

Esta observação de König ilustra de maneira emblemática as ambivalências do antissemitismo vienense. Segundo Helmut Göbel (Canetti, 1990, p. 179) o “antissemitismo latente” ao qual se referia o Dr. Otto König, redator-chefe da *Arbeiter Zeitung*, não dizia respeito aos colaboradores do jornal, nem às lideranças do Partido Social-Democrata, mas sim a uma par-

<sup>8</sup> Herr Topf kaufte zwar nicht von Salzman, er verkaufte nur, aber er war ihm in letzter Zeit bei Devisenschmuggeleien behilflich gewesen und hatte sich den Fabrikanten verpflichtet (...).

„Machen Sie ä Ausnahm“, jüdelte Topf, er hatte keinen Funken Takt und verstand es nicht, sich zu dem Fabrikanten hinaufzuheben, „tut sich was, was kost Sie das! Ä Wort, ä franzesisches Wort. Sie kost das ä Wort und sie kost das den Posten! Wo kriegt sie bei den Zeiten noch an Posten?“ (Canetti, 1991, p. 54).

<sup>9</sup> „Ich bin selbst Sozialistin und schrieb in Wien für die Arbeiter Zeitung unter drei Pseudonymen, weil der sehr liebe Dr. König, der wieder eingesetzt ist, mir bärbeissig klarmachte ‚bei dem latenten Antissemitismus kann man von einer Jüdin nicht so viele Geschichten und Romane bringen, und Ihre sind leider die besten‘“ (Carta de 5 de março de 1950, encontrada nos arquivos do Weismann Verlag, que se encontra no Arquivo Literário de Marbach. Hartung era, à época, editor do Weisman Verlag). (Göbel *apud* Canetti, 1990, p. 178).

cela significativa do público leitor vienense, inclusive do operariado em meio ao qual tradicionalmente o Partido Cristão-Social recrutava seus eleitores, com um discurso que atribuía aos judeus todos os males decorrentes do capitalismo liberal. Ainda segundo Göbel, a *Arbeiter Zeitung* reunia diferentes correntes da esquerda, e dirigia-se a um público leitor amplo e diversificado (Canetti, 1990, p. 171).

O Partido Cristão-Social, fundado por Karl Lueger no fim do século XIX, que governou Viena nos últimos anos do século XIX, recrutava, desde o início, a maior parcela de seu eleitorado nas fileiras do proletariado vienense e, em particular, entre os antigos artesãos, arruinados pela industrialização e ressentidos de sua transformação em operários. E se a retórica de Lueger imputara aos judeus todas as mazelas do operariado vienense na era do liberalismo, identificando o capital industrial e financeiro com o judaísmo e chegando a acusar o imperador de governar para os judeus, após a queda do império o discurso antissemita continuou a sustentar a retórica deste partido: “Principalmente em Viena (...) o combate contra os judeus desde o início tinha o caráter de um socialismo cristão. Evidentemente outros motivos, religiosos e nacionais, também desempenharam papéis determinantes dos contornos deste agrupamento político-partidário” (Tietze, p. 239, tradução própria).<sup>10</sup>

Entre 1918 e 1934, no período denominado *Rotes Wien*, enquanto a prefeitura de Viena foi ocupada pelo Partido Social-Democrata, a *Arbeiter Zeitung* teve seus anos de apogeu, sendo reconhecido pela intelectualidade como o melhor jornal da cidade.

Se as narrativas de Veza Canetti publicadas neste jornal, e reunidas em forma de livros nos anos 1990, são ambientadas em meios proletários, há nelas um elemento adicional que é indissociável da origem judaica da autora: suas histórias desenrolam-se, em sua maior parte, na Leopoldstadt, o depauperado II. distrito da capital que, desde o último quarto do século XIX, abrigava uma população judaica pobre, majoritariamente de origem leste-europeia, que chegara de seus guetos e aldeias em busca de oportunidades de uma vida melhor na capital, e que chamava a atenção da população vienense tanto por causa de sua aparência e de suas vestimentas estranhas quanto por causa de sua língua, de seus hábitos e de sua cultura.

A obra literária de Veza Canetti, com sua estética incisiva, com seu olhar crítico sobre o mundo, com sua revolta contra as instituições patriarcais e contra as hierarquias consolidadas, e com suas denúncias recorrentes das injustiças e das aberrações sociais que eram parte da vida quotidiana na Áustria da *Zwischenkriegszeit* constrói-se, portanto, sob o signo de uma crise múltipla, ou de múltiplas crises, que são representadas de maneira recorrente em diferentes momentos de suas narrativas.

Do ponto de vista da estética literária, sua obra corresponde, em tudo, aos modelos da *Neue Sachlichkeit*, ou *nova objetividade*, um movimento de vanguarda que se constela no ambiente literário do mundo de língua alemã na *Zwischenkriegszeit*. Trata-se de uma estética engajada na denúncia e na elaboração das urgentes questões sociais e humanas trazidas pelas crises do novo tempo, que abandona completamente todo tipo de nostalgia do mundo que se foi, isto é, relativa à estabilidade e à solidez do Império, e traz à tona ideias revolucionárias em relação a um futuro a ser construído sobre novas bases, subscrevendo, portanto, a um projeto de reforma social típico das primeiras décadas do século XX na Europa Central.

<sup>10</sup> Vor allem in Wien (...) nahm die Bekämpfung der Juden alsbald den Charakter eines christlichen Sozialismus an. Selbstverständlich haben auch hier andere Motive, religiöse und nationale, mitgewirkt und die parteipolitische Gruppierung bestimmt.

A injustiça social e o combate a todos aqueles que enriquecem e multiplicam seus privilégios às custas do sofrimento da maioria, estão entre os assuntos centrais das obras criadas segundo esta estética – e uma série de autores judeus passam a produzir textos de caráter militante, que voltaram as costas aos meandros da subjetividade, da introspecção, do esteticismo e da sentimentalidade, que governavam a estética literária austríaca do *fin-de-siècle*, para apontar, em suas obras, para a crueza e para a desumanidade da sociedade à sua volta, e para as questões urgentes da vida quotidiana das camadas menos favorecidas da população, que evidentemente sofreram um acirramento em decorrência das crises econômicas decorrentes da destruição do Império.

Assim, se na alta literatura austríaca da passagem do século XIX para o século XX a arte era entendida como um caminho para a libertação e emancipação espiritual do homem, por meio de um mergulho na subjetividade e na interioridade, e por meio da ruptura de todos os dogmas que tolhem a liberdade humana, a literatura da *Neue Sachlichkeit* que surge no pós-guerra volta-se para o mundo exterior, para as questões sociais, para as mazelas e para a infelicidade daqueles que não são os escritores e sim os desfavorecidos e os oprimidos nas sociedades em meio às quais estes escritores vivem e trabalham.

## As narrativas de Veza Canetti e as múltiplas crises da “Viena Vermelha”

A condição judaica de Veza Canetti, ao contrário de sua condição feminina e de sua condição de militante da social-democracia, é marcada por uma assimetria gritante entre a maneira como ela percebe a si mesma e a maneira como é percebida pelos outros. Sua postura enquanto escritora jamais defende a causa dos judeus contra o antissemitismo. Se Veza Canetti e seu editor empenhavam-se em ocultar sua condição judaica, como foi visto acima, pode-se dizer que suas narrativas fazem o mesmo com a condição judaica de seus personagens.

As crônicas e narrativas breves de Veza Canetti publicadas na *Arbeiter Zeitung*, falam a respeito das circunstâncias de vida dos oprimidos de Viena e foram reunidas em dois volumes, *Die gelbe Strasse* e *Geduld bringt Rosen*, e publicadas por iniciativa de Elias Canetti pela editora Carl Hanser de Munique no início dos anos 1990.

Ainda que a maioria destas narrativas seja ambientada no bairro onde Veza Canetti vivia, isto é, a Leopoldstadt, que concentrava a população judaica mais pobre de Viena, não se fala, em nenhum momento, a respeito da opressão sofrida especificamente pelos judeus pobres – ou pelas mulheres judias. Se Veza Canetti não percebia a si mesma como judia, tampouco definia claramente, com uma ou outra exceção, se seus personagens eram ou não judeus. Pois, para ela, a condição judaica não era o elemento central de uma identidade e sim algo pertencente a um passado do qual ela mesma talvez gostasse – ou acreditava que gostaria – de desvencilhar-se.

Segundo Elias Canetti, todos os personagens presentes nas narrativas de Veza Canetti são diretamente inspirados em personagens da vida real, isto é, em pessoas que ela e o marido conheciam das ruas e das lojas vizinhas à sua casa na Leopoldstadt. Como escreve Elias Canetti em seu prefácio a *Die gelbe Strasse*,

ela se interessava por coisas verdadeiras, como ela costumava dizer, por pessoas que ela conhecia. Ela queria ajudar a sua gente e por isto escrevia histórias a seu res-

peito. Aconteceu, porém, algo muito curioso: todas suas personagens parecem ter sido inventadas. Mas, quando leio *A rua amarela* ocorre-me, para cada uma delas, o modelo a partir do qual foram criadas (Canetti, 1990, p. 8, tradução própria).<sup>11</sup>

Ainda assim, da mesma forma como a identidade judaica de Veza Canetti se esconde por trás de uma cortina de fumaça, seus personagens, ainda que sejam judeus, não são vistos por ela e nem retratados como tais, e sim a partir da posição que ocupam numa escala social percebida como predatória e injusta.

As cinco narrativas de *Die gelbe Strasse* formam um todo coerente, que também pode ser visto como um romance incipiente, e cujo fio condutor é não um personagem, mas uma rua, a Rua Amarela, representação da Ferdinandstrasse, na Leopoldstadt vienesa, onde Veza vivia com a mãe e o padrasto. Este foco sobre uma rua – e não sobre a subjetividade dos personagens – aponta para o caráter social das narrativas de Veza Canetti: nelas, o ser humano é definido a partir das relações que trava com seu entorno, com o ambiente que o cerca, a partir da maneira como é visto pelos outros – e não a partir da maneira como vê a si mesmo.

Estas relações se dão tanto nos âmbitos domésticos das moradas da Rua Amarela quanto no âmbito público, das calçadas, do comércio, dos cafés e das bancas de jornal. As narrativas se desenrolam em espaços que estão a meio caminho entre o público e o privado: o ponto de vista da narradora é sempre o de um limiar, a partir do qual é possível olhar tanto para os interiores domésticos, que se encontram ao longo desta rua e onde se desenrolam vários tipos de dramas familiares, quanto para a vida pública e econômica dos anos caóticos da *Zwischenkriegszeit*, que se desdobram no interior de lojas e outros lugares públicos. De um lado tanto quanto de outro, a opressão e a injustiça, e a incapacidade de adaptar-se às novas contingências se tornam evidentes. É assim que, em *Der Kanal*, uma ex-enfermeira voluntária do exército imperial austríaco em tempos de guerra, cuja dignidade se sustentava em suas virtudes cristãs, se torna candidata a empregada doméstica na agência de *Frau Hatvány*. A marginalização das mulheres, a prostituição e a exploração econômica são retratadas de maneira impiedosa: “Durante a guerra ela fora enfermeira voluntária, mas agora, desde que a guerra terminou, está totalmente desesperada porque não pode mais se dedicar ao cuidado dos infelizes. Agora, ela é obrigada a procurar emprego, os tempos estão difíceis, tudo está de ponta-cabeça” (Canetti, 1990, p. 92, tradução própria).<sup>12</sup> Uma possível empregadora, ex-cantora da ópera imperial, anda pelas ruas com um vestido de seda finíssima, manchada, e evoca os tempos em que circulava por ambientes que também deixaram de existir com a crise: o que se observa na interação entre as duas é uma espécie de negociação em que diferentes escombros do mundo que deixou de existir são mencionados apenas para deixar claro que, embora os tempos sejam outros, as pessoas não se deram conta das mudanças: “Nos ambientes refinados aos quais eu tinha acesso, certamente não se deixava entrar qualquer

<sup>11</sup> Es ging ihr um wirkliche Dinge, wie sie sagte, um Leute, die sie kannte. Sie wolle ihren Leuten helfen und darum schreibe sie Geschichten über sie. Es geschah aber etwas sehr Merkwürdiges: alle ihre Figuren wirken, als wären sie erfunden. Zu jeder einzelnen von ihnen fällt mir, wenn ich in der „Gelben Strasse“ lese, das Vorbild ein.

<sup>12</sup> Im Krieg war sie freiwillige Krankenpflegerin, sie ist jetzt ganz verzweifelt, seit der Krieg aus ist, weil sie sich nicht mehr der Pflege der Unglücklichen widmen kann. Jetzt muss sie in Stellung gehen, die Zeiten sind schwer, alles ist auf den Kopf gestellt.

grande cantora. Que ambientes eram aqueles! Diga-me, minha querida, a senhora sabe passar bem?” (Canetti, 1990, p. 92, tradução própria).<sup>13</sup>

A resistência às novas contingências e o apego a ideias e a visões de mundo anacrônicas explicam, também, o sofrimento de Herr Mäusle e de sua família, personagens do conto *Geduld bringt Rosen*, do livro de mesmo título: Mäusle é um operário desqualificado que mal ganha o suficiente para alimentar sua família com pão e com banha, mas que, todos os meses, é encarregado de levar, num envelope, uma soma que corresponde a mais do que a soma total de todos os salários por ele recebidos durante sua “vida útil”. Ainda que viva no limiar da miséria, Mäusle jamais sequer cogita tomar um só centavo do dinheiro que lhe é confiado todos os meses. As virtudes morais do operariado são aqui contrapostas à violência dos capitalistas, que têm em seu poder a polícia e as autoridades.

Um dos aspectos da estética de Veza Canetti destacados por Helmut Göbel diz respeito aos traços grotescos na descrição do corpo humano e na representação da língua falada (Canetti, 1990, p. 170) de certos personagens. A Runkel, personagem emblemática da Rua Amarela, é um exemplo disso: é uma comerciante cujos braços e pernas deformados a obrigam a passar sua vida numa cadeira de rodas, mas cuja invalidez não a torna uma figura passiva e resignada. Bem ao contrário, ela é uma espécie de pequena tirana, que não só vigia com mil olhos seu próprio comércio de produtos de limpeza e também sua *Tabaktrafik* que fica do outro lado da rua como também comanda sua enfermeira e sua mãe: ela é a proprietária dos negócios e por meio da condução de seus negócios manipula todo um grupo de pessoas que gravitam em sua órbita. Neste sentido, com sua feiura e com sua deformidade, ela se torna um emblema das próprias perversidades de uma estrutura social e econômica que põe em xeque a integridade dos seus membros por meio do exercício da violência – precisamente a força que, em plena ascensão no universo austro-germânico no período entreguerras, é apontada por Veza Canetti como o grande mal a ser combatido pela social-democracia. Pois se o belicismo em pouco tempo se transforma de atitude condenável pelo cristianismo tanto quanto pelo humanismo liberal em ideal de um pangermanismo que retoma as tradições do paganismo medieval, a violência passa a ser exaltada como virtude viril e nacional – e é precisamente a isto que se opõe a social-democracia.

A face da Runkel é, portanto, a face horrenda, oculta e perversa, dos mecanismos de submissão, alienação e exploração que põe em marcha uma vida social cada vez mais corrompida e desvirtuada, na qual os princípios éticos há muito deixaram de ter qualquer validade. É também sobre o poder desumanizador da violência que Veza Canetti fala por meio desta personagem grotesca: ela, que sofreu, por seu nascimento desastrado, uma grande violência, torna-se, também, desumana e desumaniza os que lidam com ela.

Outra face da violência retratada em *Die gelbe Strasse* é a hipocrisia, encarnada por Frau Hatvány, a diretora de uma agência de empregadas domésticas, que é quase uma comerciante de escravos: ela alardeia as virtudes de suas “mercadorias” à clientela e reifica seres humanos que são obrigados a vender a si mesmos por nada possuírem – nem terras, nem bens, nem nada que possa lhes garantir um mínimo para a sobrevivência – num retrato pungente das condições de vida do proletariado austríaco na *Zwischenkriegszeit*.

<sup>13</sup> Und in den feinen Kreisen, wo ich Zutritt hatte, hätte man gewiss nicht jede grosse Sängerin aufgenommen. Das waren Kreise! Sagen Sie, liebes Kind, können Sie gut bügeln?

Se Veza Canetti aponta para o que vê como as distorções estruturais da sociedade patriarcal em crise, o casamento, enquanto instituição, frequentemente é por ela representado como uma espécie de presídio para as mulheres, e como um mecanismo de exploração das forças vitais e dos recursos, semelhante, neste sentido, ao do próprio empreendimento capitalista. É o que se passa em *Der Tiger*, a história de um marido inescrupuloso que vive à custa de sua esposa Andrea: “Na verdade, o marido de *Frau* Andrea casou-se com ela por causa de seu dinheiro. Na família Sandoval, faltava dinheiro e o filho se tornou o salvador. Mas é preciso dizer que este era um bom casamento. Não havia discussões indelicadas na casa, *Frau* Andrea entregou seu dinheiro à família Sandoval, e a família deu-lhe, em troca, o seu marido” (Canetti, 1990, p. 119, tradução própria).<sup>14</sup>

Assim como Herr Mäusle, *Frau* Andrea resigna-se às convenções sociais, portando-se sempre de acordo com um código de honra que se revela não só anacrônico e inadequado como também moralmente inaceitável.

Talvez o aspecto central da crise austríaca da *Zwischenkriegszeit* seja mesmo o moral: uma vez desacreditados os fundamentos éticos sobre os quais repousava o pacto social imperial, os austríacos se depararam com um enorme vácuo de valores, um ambiente propício à proliferação de todos os tipos de pseudomoralidades, da qual talvez o racismo assassino seja a mais sórdida.

No mundo austro-judaico, como ocorre com frequência, este vácuo de valores revelou-se ainda mais problemático e complexo do que no restante do mundo austríaco: tendo abandonado seus vínculos com uma ética de base religiosa e tradicional, os judeus modernizados das grandes cidades europeias do século XIX – especialmente as de língua alemã – se empenharam, com resultados mais ou menos felizes, no sentido da assimilação ao seu entorno. Com a derrocada dos impérios e do liberalismo, no entanto, todos os códigos éticos recém-adquiridos no contexto das monarquias constitucionais tiveram que ser revistos ou abandonados, ao mesmo tempo que o retorno a uma tradição moral percebida como obsoleta, quando não como moribunda, já se tornara impensável para estes judeus modernos.<sup>15</sup>

Assim, a *Zwischenkriegszeit*, com sua pletora de perplexidades, é também o campo fértil onde brotam todos os tipos de visões suposta ou realmente revolucionárias sobre o ser humano e sobre a vida e, com elas, todos os tipos de éticas. Um suposto “espírito vienense” popular, indestrutível e como tal resistente às mudanças políticas, uma certa *joie de vivre* e uma certa *nonchalance* frequentemente fizeram as vezes de modelo identitário neste contexto de insegurança sem, no entanto, fornecer qualquer tipo de solidez. Este modelo exerceu sobre muitos judeus dos anos finais do Império um considerável poder de atração. Como escreve Tietze,

A partir deste polo da assimilação cultural, ao qual só falta a naturalidade imediata para que seja conquistada a identificação plena, muitos degraus conduzem àquele contratipo, que distorce como numa caricatura aquelas características

<sup>14</sup> Frau Andrea wurde eigentlich wegen ihres Geldes geheiratet. In der Familie Sandoval fehlte es, und der Sohn wurde der Retter. Doch muss gesagt werden, dass die Ehe eine gute war. Es gab keine unhöflichen Reden im Hause, Frau Andrea gab ihr Geld der Familie Sandoval, und die Familie gab ihr dafür ihren Gatten.

<sup>15</sup> Uma representação e discussão detalhada das perplexidades que marcaram as trajetórias dos judeus germanizados da Europa Central no período entreguerras é o tema amplo que perpassa a quase totalidade da obra literária de Aharon Appelfeld, escritor de língua hebraica nascido em Czernowitz e emigrado para a então Palestina britânica em 1946.

vienenses que deseja incorporar; que transforma em auto indulgência a leveza na postura diante da vida; o ceticismo em frivolidade; a melancolia em falso *pathos*, exagera em cada tom e em cada cor e assim, com os exageros de seu comportamento, determina de maneira pouco favorável as ideias a respeito do que é judaico em voga no país (Tietze, 1980, p. 236, tradução própria).<sup>16</sup>

Em meio à crise da *Zwischenkriegszeit*, porém, este modelo já não era mais capaz de aplacar ou mesmo mascarar a miséria e o sofrimento ubíquos: novas visões de mundo, novas maneiras de se colocar no mundo eram urgentes e inadiáveis. A catástrofe moral do antigo *Anstand*, a decência que levava cada súdito do Imperador a buscar o lugar que lhe cabia numa hierarquia percebida como eterna e sagrada, deu lugar à insegurança quanto ao próprio lugar no mundo. Entre os judeus, este sentimento de desorientação mostrou-se particularmente agudo.

A crise da *Zwischenkriegszeit* torna-se, sob o olhar de Veza Canetti, uma crise moral mais do que qualquer outra coisa e são os diferentes aspectos de uma moralidade condenável que ela se empenha em denunciar em suas narrativas revolucionárias, nutridas pela esperança por um novo tempo e por uma nova sociedade. Esperanças que, é preciso lembrar, foram rapidamente liquidadas pelo austro-fascismo e pelo nazismo na segunda metade da década de 1930 e nos anos 1940, quando a destruição da Áustria enquanto nação se consumou.

## Referências

CANETTI, Elias. *Die Fackel im Ohr*. Munique: Carl Hanser Verlag, 1980.

CANETTI, Veza. *Die gelbe Strasse*. Munique: Carl Hanser Verlag, 1990.

CANETTI, Veza. *Geduld bringt Rosen*. Munique: Carl Hanser Verlag, 1992.

DURZAK, Manfred. *Gespräche über den Roman*. Suhrkamp Verlag, Frankfurt M., 1976.

KAUL, Christina. „Wiens spanische Juden – ein wenig bekanntes Kapitel österreich-jüdischer Geschichte“. *Das jüdische Echo*. Vereinigung Jüdischer Hochschüler Österreichs und Jüdischer Akademiker Österreichs. Viena: 1989.

PATZ SIEVERS, Evelyn. *Ich bin Spaniolin: Veza Canetti im Focus ihres jüdisch-sephardischen Erbes*. 2018. Dissertação: Facultat de Filologia, Universitat de Barcelona. Disponível em: <https://www.tdx.cat/handle/10803/523540>. Acesso em: 30 set. 2024.

TIETZE, Hans. *Die Juden Wiens*. Viena: Atelier Verlag, 1980.

WISTRICH, Robert. *The Jews of Vienna in the age of Franz Joseph*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ZWEIG, Stefan. *Die Welt von Gestern*. Detmold: Bertelsmann, 1961.

---

<sup>16</sup> Von diesem Pol kultureller Assimilation, dem nur die unmittelbare Natürlichkeit zu voller Angleichung fehlt, führen viele Zwischenstufen zu jenem Gegentyp, der die wienerischen Eigenschaften, die er übernehmen möchte, durch Übersteigerung zur Karikatur verzerrt; der die Leichtigkeit der Lebenshaltung zu völligem Sichgehenlassen, die Skepsis zu Frivolität, die Melancholie zu falschem Pathos verzerrt, jeden Ton und jede Farbe zu laut nimmt und eben durch die Aufdringlichkeit seines Gebarens die landläufige Vorstellung des Jüdischen unvorteilhaft bestimmt.